

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO

MANOEL PIMENTA DE PAULO NETO

**MEMÓRIAS DO CENTRO DE CAMPO GRANDE (MS): UMA ABORDAGEM
ANTROPOLÓGICA SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS INTERLIGADAS AOS
ESPAÇOS FÍSICOS**

Campo Grande – MS

2025

MANOEL PIMENTA DE PAULO NETO

**MEMÓRIAS DO CENTRO DE CAMPO GRANDE (MS): UMA ABORDAGEM
ANTROPOLÓGICA SOBRE AS RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS INTERLIGADAS AOS
ESPAÇOS FÍSICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais, Bacharelado, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Raquel da Cruz Duran

Campo Grande – MS

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente, aos meus queridos pais que me acompanharam ao longo desta jornada da graduação com apoio, incentivos e conselhos indispensáveis pra minha vida. Devo todo a honra de concluir essa etapa à vocês, e espero consagrar toda a força e confiança depositada em mim ao longo deste e de todos os caminhos a serem trilhados por mim ao longo de minha vida.

Agradeço muito aos meus amigos do peito, Alda Mariana, Maurílio Valle, Thayná Santos (Thayzita), Rafael Ibrahim, João Corazza e Laura Herradon, sua namorada. Sem vocês, esse caminho, sem dúvidas seria muito mais difícil. A presença de pessoas tão corajosas, sensíveis e leais como vocês me inspira todos os dias. Como costumo dizer aos meus amigos e aos meus pais, levo vocês comigo por onde eu estiver, por me formar e me conduzir de acordo com aqueles que me inspiram, e, sem dúvidas, vocês fazem parte disso.

Agradeço aos meus colegas de turma, que formaram junto comigo uma boa parte das dinâmicas do dia a dia nesses últimos anos, com muito destes, tive a oportunidade de aprender sobre caminhos, vontades, aspirações e discernimento. Agradeço por tudo, desde as risadas sinceras aos momentos de nervosismos antes da entrega de um trabalho (risos). Foi um prazer acompanhar cada um e me fazer como graduando junto de vocês.

Agradeço a todos meus professores da graduação, aos quais devo muito pelos seus ensinamentos dentro e fora de sala de aula, pelas inspirações e aspirações que me suscitaram ao longo dessa caminhada, admiro muito e agradeço muito a todos, e espero que este trabalho, minimamente, corresponda com o grande escopo de lições e aprendizados que compartilharam comigo ao longo desse percurso. Agradeço em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Maria Raquel da Cruz Duran, que me acompanhou neste processo do TCC com correções e orientações pontuais. Muito obrigado pela paciência, pelo zelo e por todo seu acompanhamento, professora.

Ademais, agradeço a banca examinadora deste trabalho, pela acolha e pelos apontamentos feitos em relação ao meu trabalho final de curso. Aqui, a todos, o meu muito obrigado!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram nessa empreitada. Em especial, dedico meu esforço e perseverança nos dias difíceis aos meus pais, que são o símbolo dessas virtudes para mim. Dedico a força de vontade que tive de ter, em muitos momentos, para realizar essa empreitada, à minha família e aos meus amigos, que sempre me apoiaram muito. Alguns me acompanhando de perto, e outros, pelos caminhos da vida, me acompanhando a distância física, porém, sempre por perto através das marcas de afeto, carinho e respeito deixadas.

“O homem moderno, ou melhor seria dizer: o homem inserido na modernidade, está sujeito a temporalidades e espacialidades que lhes são impostas, aumentando a amplitude da sua realidade e criando a necessidade do uso constante das mais variadas técnicas para a absorção dessa realidade como um todo. Quem consegue se desvincular do ritmo do relógio e da velocidade tem maiores condições de participar com mais plenitude da vida da cidade, partilhando com todo o resto do espetáculo oferecido pela rua, do qual ele inevitavelmente faz parte” (OLIVEIRA NETO, 2005, p. 4).

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema as relações socioculturais interligadas aos espaços físicos, tomando por base a região central de Campo Grande (MS) para a realização de uma análise de abordagem antropológica. O espaço físico influencia fortemente o comportamento social e afeta o bem-estar dos indivíduos, podendo tanto promover quanto inibir as interações, além de formar um senso de identidade e de pertencimento. O objetivo geral foi retratar as diferentes categorias de entendimento que se ressaltam frente ao empreendimento reflexivo realizado no recorte espacial estudado, sendo este o ‘Miolo Central’ da cidade, tendo dentro deste recorte, o Mercado Municipal e a Praça Ary Coelho. A metodologia adotada para a pesquisa foi o estudo de caso. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizando livros a respeito da construção da identidade coletiva e da correlação entre espaços físicos e estruturas sociais. Foram também realizadas entrevistas de base semi-estruturada a fim de complementar e guiar a discussão. As entrevistas foram discutidas conforme os achados na literatura, utilizando a etnografia como orientação teórico-metodológica para a realização dessa discussão.

Palavras-chave: Campo Grande. Centro. Espaços físicos. Antropologia.

ABSTRACT

This research focuses on sociocultural relations intertwined with physical spaces, using the central region of Campo Grande (MS) as a basis for an anthropological analysis. Physical space strongly influences social behavior and affects the well-being of individuals, both promoting and inhibiting interactions, as well as shaping a sense of identity and belonging. The overall objective was to portray the different categories of understanding that stand out in relation to the reflective undertaking carried out in the studied spatial area, which is the 'Central Core' of the city, including the Municipal Market and Ary Coelho Square. The methodology adopted for the research was the case study. A literature review on the topic was conducted, using books on the construction of collective identity and the correlation between physical spaces and social structures. Semi-structured baseline interviews were also conducted to complement and guide the discussion. The interviews were discussed according to the findings in the literature, using ethnography as a theoretical and methodological guide for conducting this discussion.

Keywords: Campo Grande. City center. Physical spaces. Anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: CAMPO GRANDE (MS), A ANTROPOLOGIA URBANA E A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA DA CIDADE	14
1.1 Processo histórico-cultural da cidade	14
1.2 Descrição sobre alguns aspectos históricos, sociais e econômicos acerca do Centro	18
1.3 A memória social: suas possíveis aplicações ao contexto Central.....	19
CAPÍTULO 2: VIÉS ETNOGRÁFICO - O CENTRO COMO UM ESPAÇO-SEDE DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE CAMPO-GRANDENSE	23
2.1 Mercado Municipal – Mercado Municipal Antônio Valente	27
3.1. A praça Ary Coelho: um rico lugar de memória dentro do espaço público central	34
CAPÍTULO 3. PENSANDO O COMÉRCIO CENTRAL A PARTIR DE DUAS PERSPECTIVAS: ‘UTILITARISTA’ E ‘TRADICIONALISTA’	41
3.2.1 Alguns sentidos do comércio dentro do “Miolo” central.....	42
3.2.2 A sociabilidade do comércio central e o caráter “tradicional” exercido dentre o conjunto de trocas exercidas: explorando alguns casos.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Região selecionada para a pesquisa	11
Figura 2 - Estação da Ferrovia Noroeste do Brasil em Campo Grande (MS)	16
Figura 3 - Praça Ary Coelho em imagem histórica.....	20
Figura 4 - Fotografia do Mercado Municipal Antonio Valente (O “Mercadão”).....	21
Figura 5 - Entrada da Estação Ferroviária da NOB – Campo Grande/MS (1976)	21
Figura 6 - Foto no interior do “Mercadão”	27
Figura 7 - Exemplo de um box (estande de vendas) do Mercadão	29
Figura 8 - Praça Ary Coelho em fotografia aérea	36
Figura 9 - Praça Ary Coelho, em um dia habitual do cotidiano campo-grandense.....	37

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema as relações socioculturais interligadas aos espaços físicos, tomando por base a região central de Campo Grande (MS) para a realização de uma análise de abordagem antropológica. O interesse sobre o tema surgiu da percepção de como as relações socioculturais são ligadas aos espaços físicos com influência mútua: as atividades sociais moldam os espaços físicos, e os ambientes influenciam nas próprias relações humanas.

O espaço físico influencia fortemente o comportamento social e afeta o bem-estar dos indivíduos, podendo tanto promover quanto inibir as interações, além de formar um senso de identidade e de pertencimento. O poder se expressa em como os espaços físicos são construídos, de modo que eles refletem situações de desigualdade e afetam emoções e comportamentos. Portanto, estudar os espaços físicos e sua relação com as interações sociais no centro de Campo Grande (MS) traça um panorama histórico e antropológico sobre essa localidade.

O contexto das cidades contemporâneas inaugura um novo eixo de compreensão acerca das dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas acerca das configurações de mundo exercidas no campo ocidental. A dimensão urbana representa a reverberação das caracterizações da era moderna, trazendo consigo o ímpeto da aceleração e das novas formas e possibilidades de vida carregadas pela cidade, fato que se remete à apresentação contínua de inovações, tecnologias de acesso e de informação, formas comunicacionais, tanto como de objetos arquitetônicos e de consumo que revestem uma nova forma de se pensar a sociedade humana.

A cidade, enquanto categoria sociológica, é acarretada perante as suas novas dimensionalidades, aos seus novos formatos de relações sociais e do indivíduo na sua forma de conceber a sociedade e a si próprio. Autores como Georg Simmel (1983) e Robert E. Park (1967) apresentaram estas indagações sobre o urbano enquanto dimensão social específica, que necessitaria de um olhar singular frente a seus processos, entendendo o teor heterogêneo e profundo que se engendra a partir do fenômeno urbano. Frente a este fato, em cenário mais recente da produção antropológica dos quadros das cidades, surgem diversas áreas e subáreas de conhecimento interessadas na produção de significados culturais a partir de práticas de sociabilidade, tanto como, das suas relações com fenômenos sociais, históricos e político-econômicos que envolveriam o panorama citadino estudado, buscando elencar características.

Caberia então, buscar no entendimento dos campos da Sociologia e da Antropologia a necessidade de destaque e maior aprofundamento acerca do eixo da vida nas cidades, configurando formas de se elaborar a vida frente às chamadas “sociedades complexas” (VELHO, 1981), que são muito visadas neste campo teórico por destacarem-se características como uma intensa e complexa heterogeneidade social e cultural.

Isto é, elas estabelecem relações significativas capazes de superarem as “fronteiras simbólicas” anteriormente estabelecidas. Essas transformações são relevantes, considerando que a cidade é o espaço principal no qual a vida social acontece, sobretudo na contemporaneidade.

A partir destas indagações, pretendemos construir trechos que tracem o panorama teórico-conceitual a ser utilizado, em muito nos subsidiando a partir de uma série de etnografias urbanas já empreendidas (MAGNANI, 2002; ECKERT e ROCHA, 2010; VELHO, 1981; FRUGÓLI JR, 2007; VEDANA, 2013) buscando traçar um percurso reflexivo que poderíamos verificar algumas caracterizações que dão vida a aspectos de memórias coletivas pertencentes à diferentes conjuntos e formatos de se “narrar” e se “viver” a cidade (ECKERT e ROCHA, 2010). Enunciando estes aspectos como uma figura fundamental para se pensar o tempo coletivo promovido pela cidade, assim como os aspectos de pertencimento, identidade e das representações simbólicas (ARANTES, 2000), que poderiam ser pensadas a partir da análise antropológica sob o a região central da cidade de Campo Grande (MS).

Partiu-se, então, do exercício de realizar uma reflexão que relacione alguns lugares característicos do Centro de Campo Grande (MS), enunciando a possibilidade de aloca-los enquanto ‘locais de memória’ (NORA, 1993), de mesma forma que, verifico e tento explorar dois tipos-ideais de dinâmicas de sociabilidade exercidas nesta região central, que aqui nomeio dinâmica ‘tradicionalista’ e dinâmica ‘utilitarista’, sobretudo em relação a questões que envolvem uma possível relação entre alguns espaços urbanos pertencentes à esta área, das formas de sociabilidade ali desenvolvidas e da identificação de certos elementos que remontam características de pertencimento e tradicionalidade dos indivíduos frente ao Centro e a cidade de Campo Grande. De tal forma, foram destacadas algumas características que correspondam à esta interpretação sobre as formas de se usar, perceber e se apropriar do espaço dentro desta região da cidade (MAGNANI, 2002). É importante ressaltar aqui a questão da sociabilidade no comércio como uma possível forma de se construir formas de fazer (CERTEAU, 1994), perceber e tecer meandros do cotidiano social campo-grandense que poderiam destacar,

Esta região da cidade teve por essa característica comercial sua identidade desde seu ponto incipiente no cenário urbano de Campo Grande. Segundo o relato de uma gama diversa de moradores das mais variadas regiões da cidade, o centro marcou gerações e gerações de campo-grandenses, permanecendo na memória coletiva de diversos grupos sociais (HALBWACHS, 1990) como um elemento de agregação e propulsão social frente às práticas de viver e narrar a cidade (ECKERT e ROCHA, 2010).

A região também desponta no elemento de formação da identidade do habitante (CANDAU, 2011), uma vez que se abriga ali diversos “lugares de memória” para esta coletividade (NORA, 1993). Defendemos a posição de interpretar esta área citadina como um conjunto central entremeado de diferentes formas de interação social, formada – e, que se forma - através dos itinerários urbanos de seus habitantes (MAGNANI, 2002), permanecendo perene dentre o imaginário social a partir da sua reverberação imagética sobre o habitante sediado na cidade que transita sob suas ruas (ECKERT e ROCHA, 2010).

A pesquisa, deste modo, parte do seguinte problema: como as relações socioculturais são ligadas aos espaços físicos, realizando mútua influência, na região central de Campo Grande (MS)? O objetivo geral, por sua vez, foi retratar as diferentes categorias de entendimento que se ressaltam frente à riqueza do empreendimento reflexivo, e também da prática etnográfica situada.

A metodologia adotada para a pesquisa foi o estudo de caso. Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, utilizando livros a respeito da construção da identidade coletiva e da correlação entre espaços físicos e estruturas sociais. Foram também realizadas entrevistas com dois comerciantes do centro de Campo Grande (MS), um vendedor do Mercado dois trabalhadores de livrarias de sebo do centro e dois ex-ferroviários. As entrevistas foram discutidas conforme os achados na literatura, utilizando a prática teórico-metodológica da Etnografia para a realização dessa discussão (GOLDENBERG, 2004; MAGNANI, 2002; 2009).

No Capítulo 1, foi traçado um percurso sobre alguns pontos de vistas interpretativos acerca do fenômeno social nas cidades, e do fenômeno urbano propriamente dito, que coadunassem com as relações possíveis de serem observadas entre o plano das formas de sociabilidade exercidas na região do “Miolo” do Centro, assim como na região da “Esplanada Ferroviária” visando enquadrar estas perspectivas com o panorama da vigência de relações memoriais e fortalecedores do vínculo de identidade local promovidas por estas configurações espaciais presentes na vivência cotidiana da centralidade de Campo Grande (MS).

No Capítulo 2, apresenta-se um trecho realizado a partir do viés etnográfico aplicado a região espacial delimitada sob o região central de Campo Grande, abordando os locais delimitados anteriormente, o Mercado Municipal Antônio Valente (O “Mercadão”)¹ e a Praça Ary Coelho, buscando correlacionar as percepções sociais advindas do trabalho de campo realizado com os alguns achados da literatura bibliográfica que refletissem sobre os temas que foram sendo destacados pelos interlocutores. O objetivo maior neste capítulo, é o de explorar as possibilidades de reflexão acerca destes lugares históricos do centro da cidade, a partir das percepções trazidas por pessoas que partilham suas trajetórias com esse espaço há algum determinado tempo considerável, buscando entender como poderíamos pensar algumas questões sociais pertinentes à estes espaços a partir da percepção cidadina, tanto como, compartilhar algumas formas de visualização destes lugares com a finalidade de corroborar com estudos sobre a centralidade e seus lugares de relevância cultural e/ou histórica.

O Capítulo 3 discutiu o centro como um espaço-sede da memória do município, buscando relacionar esse dado com a hipótese da produção ordinária de práticas e dinâmicas que poderiam evidenciar certo apego à tradições e costumes que remontam e resguardam práticas memoriais para com o centro da cidade, o intuito do capítulo se faz na ideia de formular algumas formas de pensar práticas socio-temporais a partir das dinâmicas sociais instituídas pela configuração do comércio desta região. Desta forma, busca-se também destacar a dicotomia presente entre as aplicações do comércio nesta centralidade, entendendo-se haver comércios que proliferam lógicas de vizinhança, fato que poderia, em certa medida, corroborar com a manutenção e estímulo de laços para com o lugar, enquanto, por outro lado, visualiza-se uma gama de comércios impessoais que colocam esse apego e afetividade com o espaço em jogo, entendendo-se uma configuração mais impessoal e distanciada. Busca-se trabalhar com essas hipóteses dentro deste capítulo, visando estimular a reflexão acerca das práticas sociais e do que estas podem vir a expressar dentro do cotidiano urbano de uma cidade.

¹ Mercado este que, por ser tão popularmente conhecido na cidade como “Mercadão”, opto por também nomeá-lo assim durante o percurso deste trabalho.

CAPÍTULO 1: CAMPO GRANDE (MS), A ANTROPOLOGIA URBANA E A PERSPECTIVA DA MEMÓRIA DA CIDADE

Considerando o contexto de Campo Grande (MS), e, sobretudo, das sub-regiões presentes em seu centro, é fundamental ressaltar o caráter histórico que cada uma dessas localidades traz, característica presente também em várias outras cidades brasileiras. Esse processo faz parte da formação urbana, e apresenta elementos específicos que conformam as tradições e a identidade cultural que permitem identificar essas cidades e as tornar únicas.

Com base nessa percepção, destacaremos aqui, primeiramente, uma breve apresentação da trajetória desde o surgimento de Campo Grande até essa se tornar a cidade que é hoje, passando por algumas características que formam o centro da cidade enquanto elemento fundamental para se pensar a cultura, a identidade e a memória que se retrata neste espaço urbano.

1.1 Processo histórico-cultural da cidade

Os primeiros retratos urbanos de Campo Grande surgiram nas ruas que hoje formam sua região central. Esses locais se tornaram importantes pontos de encontro e convivência social durante o processo de formação política, social e econômica da cidade (OLIVEIRA NETO, 2005). Nessas ruas aconteciam decisões políticas, manifestações e momentos de lazer dos moradores, além de se formarem diversas memórias coletivas (HALBWACHS, 1990) sobre um tempo de crescimento e transformação. Esse período foi marcado pelo avanço de uma “nova” modernidade e por um ideal de progresso, impulsionado pela chegada da Ferrovia Noroeste do Brasil e pela ocupação do sul do então estado de Mato Grosso, especialmente no início do século XX.²

É notável, neste primeiro momento, e aqui datamos o período de 1920-1940, a chegada de diversos grupos sociais advindos de diferentes localidades, muitos destes vindos de regiões fronteiriças estrangeiras, como da Bolívia e do Paraguai, marcando o processo de uma formação

² Destacando aqui, um equívoco frequente realizado ao se pensar história de ocupação do Mato Grosso do Sul, tanto como da cidade Campo Grande, ao não se retratar à ocupação indígena e quilombola realizada nesta região anteriormente aos movimentos de ocupação do Eixo Oeste Brasileiro e da efetivação de “frentes pioneiras” dentro essa territorialidade nacional. Neste texto, não abordaremos esta temática em profundidade, para isso, ver (CITAÇÃO), (CITAÇÃO).

sociodemográfica caracteristicamente constituída a partir de uma grande pluralidade étnico-cultural (DA CUNHA; DEQUECH, 1999).

E a região do “Miolo” foi a encarregada por ser a sede da chegada destas novas pessoas, de novos ideais e dos novos objetos sociais que carregavam as mercadorias e o fluxo social encaminhado a partir das linhas férreas³, sendo daí escolhida para, também, ser o local onde se sedariam as moradias dos ferroviários que aqui chegavam, tanto como dos imigrantes que chegaram a essas terras, caracterizando logo em início de sua planificação esta área da cidade como um reduto comercial recheado de sociabilidade (MARQUES, 2014).

Essa paisagem representa um tempo em que as relações com o campo ainda eram a base da vida e da identidade social da cidade. As atividades ligadas à pecuária e ao trabalho rural tinham papel central, influenciando também as práticas culturais, os modos de vida e as diferentes formas de expressão que surgiam dessa relação entre o campo e a cidade (OLIVEIRA NETO, 2005).

Esse processo foi se transformando ao longo do tempo, especialmente quando Campo Grande passou a se afirmar como o centro comercial de sua região. A cidade foi se diferenciando de Cuiabá, em um contraste que muitas vezes parecia uma “separação necessária”, resultado das disputas e conflitos históricos que impulsionaram o movimento de divisão do sul de Mato Grosso em relação ao restante do estado — um fato decisivo para o desenvolvimento de Campo Grande (AMARILHA, 2006).

Dentro destes fatores colocados, destaca-se a característica de uma formação histórico-cultural recente da cidade, uma vez que impulsionada em dimensões profundas no sentido de seu crescimento populacional por meio dos processos migratórios que se originaram, sobretudo, a partir da inserção de Campo Grande no roteiro dos percursos férreos da Ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), em 1914. Esse evento iniciou o processo de crescimento e desenvolvimento urbano da cidade em níveis até então não imaginados para esta região, fato este que trouxe consigo o surgimento de uma série de novos contextos que passaram a ser figurados neste espaço.

³ A primeira ferrovia de Campo Grande foi a Estrada de Ferro Noroeste Brasil (NOB), inaugurada em 1914 e sendo fundamental para o crescimento da região e sua ligação com o litoral. A ferrovia promoveu o crescimento econômico e o surgimento de vários bairros no seu entorno. Ela foi privatizada em 1996, sendo desativados os trens de passageiros, e em 2004 os trilhos da região central foram removidos. Os antigos galpões foram preservados como patrimônio histórico e cultural.

Isto é, poderíamos mesmo pensar o repertório trazido a partir da introdução das linhas ferroviárias no contexto desta cidade como a transposição de novos meios de se pensar a propagação do fenômeno urbano, e das articulações e ramificações que dele proviriam para o cotidiano social da cidade (DA CUNHA; DEQUECH, 1999; OLIVEIRA NETO, 2005).

Figura 2 - Estação da Ferrovia Noroeste do Brasil em Campo Grande (MS)



Fonte: Jornal Midiamax (2016).

A chegada das Maria-Fumaças, que ligavam o Sudeste ao Centro-Sul do país para o transporte de mercadorias e o fortalecimento da economia nacional, trouxe a Campo Grande significativa parte do impulso comercial que consolidou a cidade como o principal centro econômico do sul de Mato Grosso.

Com a Estação Ferroviária⁴, iniciou-se um processo de difusão do comércio na Rua 14 de Julho e para o restante desta área da cidade conhecida como “Miolo Central” (OLIVEIRA NETO, 2005), marcando assim os momentos de expansão da sociabilidade campo-grandense,

⁴Esta que, residiu onde hoje fica o chamado “Armazém Cultural” da cidade, que também abarca o Museu dos Ferroviários dentro deste espaço.

como também, da emergência de novos aparatos de lazer, da cidadania e do âmbito desenvolvimentista que seriam impulsionados nos anos subsequentes.

Nesta área correspondente do centro, encontraremos uma série de artefatos⁵, bens culturais e bens patrimoniais tombados, como é o caso da Antiga Estação Ferroviária e da Vila Ferroviária (região da “Esplanada”), do Monumento da Maria Fumaça, Hotel Gaspar, Obelisco, Praça Ary Coelho. Todos estes artefatos, carregando consigo um alto teor de monumentalidade memorial para os habitantes desta cidade, visto que são expostos diretamente ao público em meio a circulação urbana viária, carregando consigo a potencialidade do patrimônio frente à paisagem urbana constituída no Centro de Campo Grande. As experiências do dia a dia, assim como os diferentes modos de agir e se deslocar pelo espaço (CERTEAU, 1994), revelam aspectos importantes da percepção sociocultural das pessoas que circulam, consomem, moram ou passam por esses lugares.

O centro da cidade ainda se destaca por exercer, de forma efetiva e reconhecida, sua função de centralidade, atuando principalmente como polo comercial, espaço de lazer e sede de diversas práticas culturais. Diariamente, recebe um grande fluxo de pessoas que se deparam com diferentes temporalidades refletidas na arquitetura local. Nesse movimento, seus percursos se entrelaçam em meio a uma dinâmica versátil de representações sociais singulares construídas pelos próprios moradores. A pluralidade étnica e social, que constitui a riqueza cultural de Campo Grande, pode ser vivenciada, pensada e constantemente repensada no cotidiano social que essa área central da cidade abriga (OLIVEIRA NETO, 2005; FARACCO, 2011).

Campo Grande teve em seu centro — especialmente na região conhecida como “Miolo Central”⁶ — um ponto fundamental para o desenvolvimento de toda a base de sua estrutura social, abrangendo os eixos econômico, social, político e cultural. Associado a isso, o campo da temporalidade assume grande importância para compreender as relações entre os indivíduos que vivenciaram as transformações urbanas da cidade e os significados que ela abrigou em diferentes períodos (PESAVENTO, 2005).

Ou seja, ao observar as percepções sociais, tanto subjetivas quanto objetivas, sobre o tempo, percebe-se uma série de conexões com a construção da identidade sociocultural do cidadão, a partir de sua forma de narrar a cidade. O tempo é entendido, assim, como um

⁵Tal termo, utilizado aqui a partir de sua função de referenciar uma cultura ou uma sociedade a partir de um bem físico e/ou imaterial. Diversos artefatos culturais do estado do Mato Grosso do Sul podem ser encontrados na sua região Central, como no estabelecimento do Mercado Municipal da cidade, o “Mercadão”. Ver (CITAÇÃO)

elemento essencial que surge no imaginário urbano e contribui para moldar as maneiras de viver e perceber Campo Grande.

Nesse sentido, as transformações históricas que atravessam o centro da cidade fazem parte de um conjunto de significados importantes, que influenciam as diferentes formas de viver, agir e praticar o cotidiano dos sujeitos que ali residem — ou mesmo daqueles que ocupam esse espaço de forma temporária (CERTEAU, 1994). Essas mudanças são consideradas fundamentais para compreender como o centro se configura como um lugar de múltiplas experiências e práticas sociais, como coloca o antropólogo Antônio Arantes (2000) citando Jackson (referenciar):

A formulação de Jackson aponta para uma importante tensão que é formadora dos sentidos políticos da experiência urbana: o desafio silencioso que práticas sociais móveis e efêmeras lançam – a partir de suas territorialidades flexíveis – aos sucessivos projetos urbanísticos, que se querem disciplinadores dos usos que os habitantes fazem da cidade (ARANTES, 2000, p. 11).

Ou seja, ao reconhecer que a experiência humana nas cidades contemporâneas é um aspecto fundamental da vida urbana, a memória se destaca como um ponto de referência individual e coletiva para a construção de olhares singulares sobre o espaço vivido. Assim, a memória torna-se uma importante fonte para compreender os elementos que compõem o cotidiano e a cultura local desenvolvida nessa cidade.

Os estudos da memória assumem, neste curto espaço de tempo, o lugar privilegiado de reflexão sobre as curvaturas que o tempo possibilita quando, sujeitas a um processo de globalização, as sociedades e os grupos humanos reascendem antigas paixões e tradições locais (ECKERT e ROCHA, 2000, p.5).

1.2 Descrição sobre alguns aspectos históricos, sociais e econômicos acerca do Centro

O Centro da cidade nasce com a premissa de ser um entreposto de comércios e serviços, e, como visto, sendo articulado em seus primeiros passos com o quesito agropecuário regional e com os fluxos ferroviários que contornavam esta área. Sendo, ao longo do séc. XX, estabelecido como uma “vitrine” econômica da cidade, e ponto de encontro para a proliferação de ações cidadãs, da convivência e do cotidiano social da cidade, de programações culturais e de manifestações políticas que envolviam o contexto campo-grandense na época (OLIVEIRA NETO, 2005).

Nos tempos atuais, a centralidade de Campo Grande ainda se apoia fortemente no comércio. No entanto, é possível perceber uma série de transformações que esse eixo da cidade sofreu ao longo dos anos, o que é essencial para compreender melhor as novas formas de temporalidade que influenciam o modo como os indivíduos vivenciam o espaço social, como já mencionado anteriormente.

Para entender esse contraste entre as diferentes percepções sobre a cidade e as mudanças no tempo e no espaço urbano de Campo Grande, optou-se, inicialmente, por realizar uma descrição dos espaços analisados e de suas repercussões na sociedade campo-grandense, articulando essa abordagem com o viés etnográfico da pesquisa e com as percepções sociais dos habitantes entrevistados.

1.3 A memória social: suas possíveis aplicações ao contexto Central

Com base na dimensão da vida urbana, este estudo aborda os sentidos relacionados às memórias sociais observadas na formação do quadro histórico, patrimonial e cultural do Centro de Campo Grande (MS). Considerando que o Centro é tanto comercial quanto histórico, ele reúne significados de ambos os aspectos, funcionando como um ponto de referência para os habitantes em relação à identidade cultural da cidade (FARACCO, 2011), às memórias coletivas e à algumas formas tradicionais de pensar o cotidiano e os percursos urbanos, elementos que marcam a trajetória da cidade e sua presença na memória viva dos residentes (SENRA, 2012).

Dessa forma, a cidade atua como um centro que orienta diversos atributos ligados à identidade do indivíduo, já que a construção dessa identidade está intimamente relacionada às memórias individuais e coletivas acumuladas ao longo de sua trajetória pessoal (CANDAU, 2011).

A memória social refere-se a um conjunto de recordações, representações e lembranças que formam trajetórias comuns de um grupo ou comunidade. Segundo Maurice Halbwachs (1980), ela se aproxima do pensamento durkheimiano, funcionando como um elemento de coesão coletiva quando considerada memória coletiva aglutinadora. A partir desse entendimento, observa-se que a tradição de uma comunidade, de uma sociedade e, conseqüentemente, da formação social de um local, se delineia por meio de memórias

compartilhadas ao longo de sua história, como ocorre em Campo Grande (MS) e seus lugares de memória (NORA, 1993), que marcam aspectos da história e da memória da cidade, especialmente na região central.

Como mencionado no trecho do trabalho sobre o “Processo Histórico-Cultural” da cidade, a centralidade de Campo Grande se expressa como uma área de concentração de artefatos culturais e tradições que refletem aspectos das memórias da cidade, destacando-se a Praça Ary Coelho, o Mercado Municipal Antônio Valente (o “Mercadão”) e a Antiga Esplanada Ferroviária (a “Esplanada”). Esses locais são fundamentais para pensar a memorialidade, a tradição e a identidade cultural de Campo Grande, pois representam permanências físicas e simbólicas que remetem às continuidades históricas, aos valores de práticas cotidianas, costumes e à valorização local na perspectiva dos cidadãos.

Nesse sentido, como afirma o antropólogo Joel Candau (2011), a memória é um ponto de partida para compreender a identidade, já que os dois conceitos estão intimamente ligados. Para que a memória se mantenha dentro da constituição e da identificação do indivíduo, ela precisa de um suporte físico e/ou simbólico (CANDAU, 2011). Isso ajuda a entender a permanência e a importância desses lugares como fontes de sociabilidade e permite analisar, tanto teoricamente quanto empiricamente, se eles continuam sendo valorizados mesmo diante dos processos de modernização e das mudanças na paisagem urbana contemporânea.

Aqui, vemos algumas imagens que ilustram traços da temporalidade empreendida no contexto urbano do Centro campo-grandense, evocando a tradição revestida sob os empreendimentos físicos que perduram nesta região.

Figura 3 - Praça Ary Coelho em imagem histórica



Fonte: Jornal Midiamax (via matéria disponibilizada na internet)

Figura 4 - Fotografia do Mercado Municipal Antonio Valente (O “Mercadão”)



Fonte: Site Comunicadores do Amanhã, 2015. Disponível em:
[https://comunicadoresdoamanha.wordpress.com/2015/06/10/mercado-municipal-simbolo-de-cultura-e-lazer-para-campo-grande/cado Municipal — O símbolo de cultura e lazer para Campo Grande – Comunicadores do Amanhã](https://comunicadoresdoamanha.wordpress.com/2015/06/10/mercado-municipal-simbolo-de-cultura-e-lazer-para-campo-grande/cado-Municipal—O-simbolo-de-cultura-e-lazer-para-Campo-Grande–Comunicadores-do-Amanha)

Figura 5 - Entrada da Estação Ferroviária da NOB – Campo Grande/MS (1976)



Fonte: Site Estações Ferroviárias do Brasil. Disponível em:
http://www.estacoesferroviarias.com.br/ms_nob/campogrande.htm

Destacamos que algumas questões surgem nas dinâmicas do cotidiano social que moldam a vida urbana vivida pelos habitantes, sendo que, por meio de seus hábitos e práticas diárias, é possível perceber fenômenos ligados à preservação e à transmissão de memórias e tradições associadas às interações rotineiras. Nesse contexto, o centro da cidade se mostra um espaço de grande importância devido à intensa circulação de interações e práticas sociais, ultrapassando o simples papel comercial que poderia ser atribuído à região. Observa-se que a centralidade de Campo Grande se evidencia no seu potencial de fortalecer a tradição e a identidade cultural, já que é marcada por elementos ligados à memória, como estabelecimentos tombados e outros patrimônios da cultura material da cidade. Isso se soma aos espaços voltados ao turismo, lazer e sociabilidade, conferindo à região um caráter especial e representativo, como ocorre nos locais mencionados anteriormente.

CAPÍTULO 2: VIÉS ETNOGRÁFICO - O CENTRO COMO UM ESPAÇO-SEDE DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE CAMPO-GRANDENSE

Ao caminhar pelas ruas do Centro de Campo Grande, a dicotomia contrastante do velho e do novo vêm de encontro ao caminhante através das estruturas físicas mantidas ali, seus prédios antigos como a conhecida Galeria Dona Neta, ou mesmo às estruturas militares mantidas – contando com, claro, inúmeras reformas – na Av. Afonso Pena próximo à Praça Ary Coelho, chamando a atenção do transeunte para a inserção das forças armadas no Estado posteriormente aos conflitos platinos, tanto como, das antigas casas e lojas presentes na Av. Calógeras, logo próximo à estes últimos pontos.

Ao perceber essa dicotomia, buscou-se dialogar com pessoas que vivem ou já trabalharam nessa região da cidade, com o objetivo de compreender melhor as percepções sociais sobre as mudanças temporais ocorridas ali, e de identificar como essas experiências influenciam a forma como se constrói a visão cidadã sobre Campo Grande e sua região central por meio de suas narrativas. Antes de apresentar as narrativas dos interlocutores, é feita um percurso descritivo acerca da história e da preponderância dos lugares estudados para se pensar algumas dinâmicas de sociabilidade presentes no centro urbano dessa cidade. De forma conjunta, complementamos estes trechos com uma breve interpretação das relações que podem ser estabelecidas a partir dos lugares aqui retratados.

O Miolo Central de Campo Grande, como busquei enunciar em boa parte através da sua introdução descritiva, arremete à uma área singular dessa cidade, uma vez que, Campo Grande é em muito habitada por jovens e adultos⁷, fato que muda na região Central da cidade, sendo a segunda região urbana de Campo Grande com a maior concentração de idosos⁸, e contendo na região do Bairro Centro⁹ em sua maioria percentual idosos¹⁰, detendo o menor número de crianças de todos os bairros da cidade, segundo o Censo Demográfico realizado em 2010, pelo

⁷ Segundo o Censo Demográfico realizado pelo IBGE, em 2022, Campo Grande (MS) detinha nesta data 898.100 habitantes, sendo que, destes, 561.346 (62,5%, aproximadamente) se encontravam em faixa etária entre 20 e 64 anos.

⁸ A fonte que permite verificar esse dado é o Censo Demográfico realizado pelo IBGE, em 2010, que afere que, entre 41.738 pessoas idosas vivendo em Campo Grande entre os anos de 2000-2010, 6.613 se localizavam na Região Central, ficando atrás somente da Região do Anhanduizinho, que detinha 8.619 habitantes idosos.

⁹ Segundo o Plano Diretor da PLANURB, de 2017, esse bairro abrange o polígono formado por: Rua Eduardo Santos Pereira, Rua Dr. Artur Jorge, Avenida Mato Grosso, Rua 25 de Dezembro, Rua 15 de Novembro, Rua Franklin Roosevelt, Córrego Prosa, antigo leito dos trilhos da RFFSA, trilhos da RFFSA, Rua General Melo, Rua 13 de Maio.

¹⁰ Segundo levantamento do SEBRAE/MS, fornecido com base no Censo Demográfico do IBGE (IBGE, 2010), o bairro Centro possuía 23,45% do seu percentual de habitantes composto por idosos.

IBGE. De tal forma, verifica-se também, ao se observar os gráficos e análises descritivas realizadas pela PLANURB (Agência Municipal do Meio Ambiente e Planejamento Urbano) e pelo governo municipal, que a região abrangente de nosso recorte estabelecido, este ‘Miolo Central’ que abarca o bairro Centro, está sendo - desde as planificações mais recentes do último Plano Diretor Urbanístico (PLANURB, 2017) – destinada à ações de promoção das chamadas Zonas Especiais de Interesse Cultural (ZEIC’s), centralizando a direção de angariar-se mais projetos e políticas públicas que fortaleçam a identidade patrimonial e histórica desta área da cidade.

Fato este que se liga a entrevista realizada com dois ex-ferroviários da NOB para este trabalho, estes últimos que se encontram ativos nas atividades promovidas dentre o chamado Conjunto Ferroviário, local onde era sediada a Estação Ferroviária e todo o conjunto de atividades relativas à NOB em Campo Grande, Conjunto este que hoje detém uma área cedida pelo poder público à AFAPEDI (Associação dos Ferroviários, Aposentados, Pensionistas, Demitidos e outros) para que possam gerir e organizar-se dentre este espaço. Isto é, espaço esse que é a antiga bilheteria da Estação Ferroviária.¹¹

João e Carlos me receberam enquanto eu caminhava em frente à entrada da sede da AFAPEDI¹², buscando recolher dados de observação empírica sobre essa área e tentar dialogar com pessoas que habitavam e/ou possuíam alguma relação com aquele espaço. Estes, prontamente se identificaram como ex-ferroviários membros da AFAPEDI, e acolheram meu interesse pelas histórias desse pedaço da cidade com um extenso diálogo relatando suas perspectivas sobre as mudanças históricas perpassadas na região do Miolo Central.

Entrevista com os ex-ferroviários João e Carlos:

Em certo momento, João fala, a respeito da sua visão sobre essa região da área Central nos dias de hoje e da aplicação de políticas públicas a ela, como o programa de revitalização da área central, que foi chamado de Reviva Centro (2017):

Então eu acredito que, a modernidade, a evolução, ela destruiu o Centro de Campo Grande, destruiu na questão de supermodernizar. Eu acho que poderia modernizar, por dentro, e por fora poderia permanecer.. E aí, veio esse Reviva.. assim,

¹¹ Um outro adendo importante é o de que, irei utilizar nomes fictícios para retratar tanto os interlocutores dessa observação participante e entrevista realizada, quanto das demais que serão aqui registradas, afim de preservar a identidade dos interlocutores que cederam suas percepções para este trabalho.

¹² Onde se detém um arquivo museal repleto de artefatos, instrumentos e recordações sobre o período de atividade ferroviária da NOB

eu acho que o Reviva trouxe coisa nova para Campo Grande, o pessoal reclamou, muita gente reclamou, mas assim, eu acho que o Reviva ficou bom. Porém, aí nós temos 13 de Maio, nós temos Rui Barbosa, a Calógeras que está um lixo na questão de asfalto e abandono.. você conhece aqui, você já andou aqui.. olha como que tá a situação.. (João, ex-ferroviário e membro da AFAPEDI, em entrevista concedida em 2025).

Então a questão do Centro hoje, existe um quadrilátero que eles (poder público) olham, que é praticamente esse que você falou aí, Rua Maracaju até lá na 15 de novembro, 13 de maio e calógeras, esse quadrilátero é onde eles (poder público) investem. [...] (João, ex-ferroviário e membro da AFAPEDI, em entrevista concedida em 2025).

Posteriormente a essa questão levantada por João, falo, enquanto sujeito-pesquisador interpelando-os em nosso diálogo: “Parece que hoje também mudou a forma como o Centro tá sendo habitado, o interesse hoje seria o do morador/do comerciante sair do Centro, e não o de estimular a habitação nesta região”, e então Carlos responde:

Carlos: Esse é o ponto. Porque aí têm a questão dos governos locais que, ao invés de colocar projetos para incentivar o comércio e a vida aqui na área central, ele prefere investir em outros bairros, **porque daqui não sai mais nada.** (Carlos, ex-ferroviário e membro da AFAPEDI, em entrevista concedida em 2025).

Carlos fala dessa questão, no sentido da migração dos comerciantes/moradores para outras regiões da cidade, tanto como, da maior aplicação de políticas públicas voltadas à infraestrutura urbana e qualidade habitacional para essas outras regiões, entendendo que, a cidade se encontra em novo grande ritmo de expansão desde os anos 1990. Ele ressalta a questão de algumas mudanças de caráter macro nos paradigmas da sociedade campo-grandense, como a chegada da era informacional da internet e dos smartphones:

Carlos: Ué, não vamos muito longe. As lotéricas, as contas que você tinha para pagar, era tudo aqui no Centro da cidade. E hoje, hoje você tem aqui ó (aponta para seu celular). Hoje, é mais sugestivo você pedir um lanche ou outra coisa para comer pelo aparelho, chega na sua porta. Isso é, acabou com a dinâmica da cidade. Hoje o pessoal prefere unir o útil ao agradável e tá pedindo tudo de casa, “só no delivery”.

Falando sobre os espaços de lazer que faziam o centro ser tão conhecido dentre as camadas populacionais mais antigas, Carlos e João se recordam e evocam suas memórias sobre a temática:

João: Aqui, fala das faces mais antigas do Centro (se referindo à pergunta 2), então, a questão das coisas antigas.. deveria ter se conservado melhor, aqueles cinemas que tinham aqui.. deveria conservar melhor pelo menos a estrutura original..

Carlos: Aqui na 14, perto das Casas Bahia ali, Afonso Pena andou umas duas três casinhas assim e subiu uma escadinha, era lá em cima.. (Lembra Carlos com fala afetuosa).

Era.. a gente tinha um cinema ali, aí tinha Alhambra, Acapulco, Santa Helena, tinha outro, o Rialto..

Isto é, antes mesmo de eu terminar esse assunto com eles, e partir para outra perguntar, Seu João destaca:

João: E tinha outra coisa que eu falo para você, a gente andava aqui a pé, qualquer hora do dia ou da noite, não tinha B.O. Você podia atravessar o centro, ir para um bairro, ir para outro. A sensação de segurança era outra..

Dentro dos temas abordados até esse trecho da conversa, Carlos e João vivenciam com satisfação e afeto suas recordações de uma outra temporalidade campo-grandense, ambos remetendo-se à região do Miolo Central com carinho pelas suas lembranças, e sempre destacando a característica de mudança espaço-temporal dessa área urbana com certa aproximação à opinião de que esse perímetro acabou por ter gradativamente degradado sua característica anterior de um rico espaço público. Remetem às dinâmicas de sociabilidade vivenciadas por estes e por seus contemporâneos em meio ao período de 1980-1990 em Campo Grande, ressaltando e dando vida através de suas evocações para lugares tradicionais da cidade, como a Feira Central, o Mercado e a Praça Ary Coelho. Os fatos que estes trazem para a entrevistas remontam o trecho de Magnani, em seu texto *Etnografia como prática e experiência* (2009), ao citar que:

[...] o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. (MAGNANI, 2002, p. 18. Apud MAGNANI, 2009)

De tal maneira, a partir do campo etnográfico pude observar e colher alguns dados empíricos acerca das perspectivas sociais desses sujeitos que reverberam algumas possíveis questões relativas à concepção cidadã sobre o espaço público central, como a sensação de medo e insegurança a partir de determinados pontos do centro, fato que pode ser pensado na sua chance de correlação com o aspecto “degradado” que muitos habitantes visualizam sob trechos do Centro da cidade (KUREDA, 2017). Fora a questão ressaltada da insegurança, temos

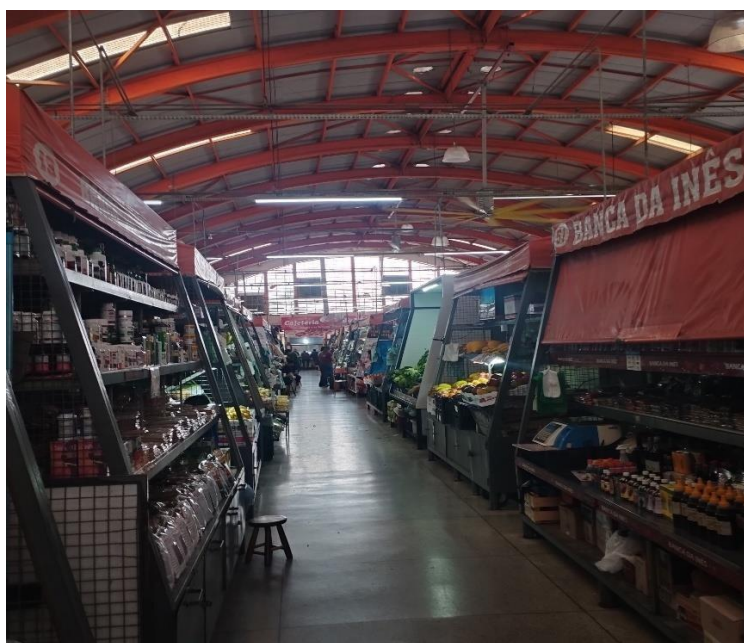
também, essa questão do esvaziamento dos espaços, que poderíamos pensa-la e retratá-la a partir da hipótese de alguns trechos e lugares importantes do espaço público central estarem, gradativamente, sendo relativizados – e talvez mesmo preteridos – em seu grau de relevância dentro dos itinerários dos habitantes.

Essa última questão, trazida para nós a partir de um olhar *de perto e de dentro* (MAGNANI, 2002) dentro deste recorte etnografado a partir da pesquisa de campo, atravessa a minha posição enquanto sujeito-pesquisador e me conduz até uma suposta necessidade de tentar “traduzir” (GEERTZ, 2008) a importância de alguns espaços públicos presentes nesta área do Miolo Central, que, como dito anteriormente, poderiam mesmo ser considerados enquanto lugares de memória desta capital, e poderiam ser pensados a partir do seus aspectos de relevância cultural para esta cidade e seus habitantes.

A partir disto, busquei retratar e promover uma breve reflexão acerca do Mercado Municipal, da Praça Ary Coelho e da Esplanada Ferroviária da cidade, buscando identificar alguns aspectos predominantes da relevância cultural destes lugares e, retratá-los como um certo “termômetro” das perspectivas cidadãs acerca da vitalidade da cidade dentro desta área central.

2.1 Mercado Municipal – Mercado Municipal Antônio Valente

Figura 6 - Foto no interior do “Mercadão”



Fonte: O autor.

O Mercado Municipal Antonio Valente forma uma extensa relação com a história e a tradicionalidade empreendida em Campo Grande, e mesmo na região de Mato Grosso do Sul. Inaugurado em 30 de agosto de 1958, mais conhecido como ‘Mercadão’, este estabelecimento origina e reúne a vida e os encontros da população campo-grandense com alimentos, utensílios, artefatos e lembranças que estão intimamente ligadas ao substrato da cultura municipal e regional, ele funda um ambiente de circulação para aspectos da sociabilidade e da tradição local, proporcionando um ponto de referência para a identidade campo-grandense e ocupando a função de um lugar antropológico fundamental para a vida cultural da cidade.

O Mercadão possui uma série de produtos que remontam, para além do consumo de necessidades, a história e a memória de Campo Grande e do Mato Grosso do Sul, tendo como um de seus ‘‘carro-chefes’’ a venda da erva de tereré, bebida refrescante proveniente da erva-mate, muito cultivada nos perímetros rurais do estado e reconhecida em grande escala pela sua importância chave no ciclo econômico da exportação dessa erva nos primórdios da fundação da cidade.

Para além do tereré, o Mercado Municipal da cidade reúne a venda de hortifruti e hortaliças, doces (como o mané pelado, a queijadinha, o doce cachorrada)¹³, queijos e laticínios da produção local, peixes típicos do MS (pintado, pacu, dourado, piraputanga), alguns frutos nativos do Cerrado e do Pantanal como a guavira e o pequi, uma série de ervas-medicinas, e a venda da linguiça de Maracaju (outro produto típico da alimentação sul-mato-grossense) nos açougues do Mercadão.

¹³ São doces muito consumidos na região Centro-Oeste, embora sejam de origem difusas, como o mané-pelado, que apesar da origem desconhecida, é uma sobremesa muito consumida em Goiás. No caso da queijadinha, como é conhecida em Campo Grande (MS), se trata de um doce de origem portuguesa, muito difundido na culinária mineira e goiana, sendo bastante consumida na cidade de Campo Grande. Já o doce ‘‘cachorrada’’, têm sua origem datada do período colonial, de origem incerta, porém, muitíssimo difundida no Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, tornando-se um doce típico da região. Todos estes doces citados se tornaram doces tradicionais na Região de Campo Grande e no estado de Mato Grosso do Sul.

Figura 7 - Exemplo de um box (estande de vendas) do Mercadão



Fonte: O autor.

Isto é, o Mercado Municipal atua como um importante polo de congregação de artefatos culturais do consumo alimentício, de vestuário e do lazer sul-mato grossense e campo-grandense, uma vez que os produtos que são vendidos ali carregam consigo a história sociodemográfica da cultura do estado e desta cidade, tendo diversos de seus ‘boxes’ e estabelecimentos sua permanência registrada na história por longos períodos, como é o caso da Peixaria do Mercadão (Peixaria Linardes), a Casa de Carnes Oriente, a banca de produtos a granel ‘Banca do Hiroshi’, todos instalados à décadas nas dependências deste mercado público, carregando a história de gerações de campo grandenses, sendo mesmo, um aspecto de recorrência no Mercadão haver a passagem dos estabelecimentos de geração para geração, dando continuidade à venda da família, e fornecendo insumos vitais para a posterioridade da tradição local.

Introdução ao campo realizado no Mercadão:

Realizei uma ida a campo no dia 18.08.2025, e então, após realizar uma perambulação por esta região, buscando mapear alguns pontos e verificar a disponibilidade de alguma interlocução. decido ir ao Mercadão verificar se conseguiria colher alguns dados sobre o local. Ao chegar lá, após caminhar um pouco pelos boxes, encontro com Ulysses, vendedor de uma banca especializada em ervas de tereré – haviam sabores dos mais variados, distribuído em um

vasto número de sacas de erva-mate –, artigos em couro, produtos para o consumo da erva-mate e outras mercadorias.

Começo a conversar com Ulysses informando para ele que estava realizando uma pesquisa sobre alguns lugares importantes para a memória social da cidade, tanto como da percepção das pessoas acerca destes lugares, Ulysses então se mostra interessado pelo tema e diz que diariamente eles recebem um número enorme de pessoas por ali, mas que nem todas necessariamente demonstram maior interesse e/ou conhecimento sobre o sentido cultural atribuído ao Mercado Municipal e aos produtos ali comercializados.

Informa também este interlocutor, que grande parte dos frequentadores, hoje em dia, são turistas que estão passando sua estadia pela cidade e recebem a indicação de conhecer o Mercado Municipal, sendo que, geralmente buscam conhecer alguns produtos típicos como o tereré, a sopa paraguaia, e provar o, não tão típico no teor conceitual da palavra, porém tradicional, ‘pastel do Mercadão’. A partir dessa breve conversa, apresento as perguntas que eu gostaria de fazer a Ulysses para falarmos melhor sobre a temática da pesquisa, e este me convida para voltar em seu horário de almoço no dia seguinte para podermos dialogar com mais tempo.

Entrevista com Ulysses:

Começo a entrevista pedindo para Ulysses me informar seu local de origem e sua data de nascimento, e então ele me diz que é nascido em Dourados/MS, no ano de 1990. Sendo então, Ulysses é um homem de aproximadamente 35 anos de idade, que atualmente trabalha como vendedor em um dos boxes do Mercadão.

Pergunto para ele sobre como se dá seu contato com o Centro da cidade:

Ulysses: O contato que eu tenho com o Centro de Campo Grande é desde pequeno, já tive contato com 8 anos, vindo, minha mãe trazendo muito a gente aqui na área central, do costume do pessoal aqui, pagar conta, trabalho, eventos.. então, já vinha já desde moleque aqui, mas o meu contato hoje é mais pelo trabalho. (Ulysses, 35a, vendedor do Mercadão).

Então, pergunto se durante esse tempo em que ele já está estabelecido em Campo Grande, e a partir da sua percepção como indivíduo que trabalha nesta área Central, se ele notava muitas mudanças/mudou muita coisa, ou se teria algum destaque maior para ele sobre alguma mudança, seja do espaço físico ou na dinâmica das pessoas.

Ulysses: Teve mudanças, sim, melhorando algumas coisas e piorando outras, né? Melhora é que, melhora que teve novas estruturas, parte de visualização, de ver as ruas mais arrumadas, os prédios melhor estruturados, mais bem acabados, melhorou visualmente. Contudo, eu entendo que piorou um pouco a parte de trânsito né, o trânsito tá mais complexo, as ruas centrais (miolo) não são tão largas, acredito que acaba complicando o fluxo aqui pelo Centro.

Lembro do que tínhamos comentado antes, sobre a questão do Mercado enquanto um forte símbolo de cultura e identidade da região campo-grandense. Pergunto a opinião dele sobre o assunto:

Ulysses: A minha visão é que o mercado em si, olha, ele já tem mais de 65 anos. Então assim, é um local estruturado para receber muitas pessoas de fora, que vêm visitar a cidade. E têm gente daqui de campo-grande que nunca veio visitar o mercado, você acredita nisso? Eu mesmo não acredito, gente que mora aqui, está em Campo Grande a muito tempo e nunca viu o mercado, eu acho incrível isso porque o Mercado traz muitas coisas bacanas, o tereré, a cultura, o pessoal de campo-grande, um local para o lazer no final de semana.. as vezes vêm crianças que nunca tocaram um berrante, aí toca o berrante e acha engraçado, gera diversão, então são algumas coisas assim, bem legais para trazer a família.

Pergunto se, ele acha também que poderíamos pensar um vínculo com a cidade, pro estrangeiro e, sobretudo, para o local de Campo Grande:

Ulysses: Acredito que sim, porque, têm muitas coisas que o Mercado vende que você não encontra em outro lugar, nós temos aqui, considerado da área do Mercado, os indígenas que têm aqui os seus quiosques de venda, trazem palmito, frutas, coisas nativas, o pequi, coisas naturais e que você não vai conseguir no mercado fácil, ervas naturais, comida.. muitas coisas que dificilmente terá em outro local. Então, é sim, o Mercado fornece bastante coisa, atrativos, por isso eu falo, tem muita gente que mora em Campo Grande e não sabe que tem, dentro da cidade de fácil acesso, um local com a variedade que tem aqui.

Falo dos produtos típicos da região com Ulysses, do quanto eles lembram um pouco a característica aqui da região, dos seus produtos típicos. Daí pergunto para ele, voltando para o assunto do Centro, sobre algo que possa ter marcado sua trajetória, em relação a essa região da cidade. E então Ulysses lembra, e ressalta que foi algo marcante para ele quando viu o Trem. Quando ele viu o Trem pela primeira vez passando pelo Mercado, se recorda,

Ulysses: Na região do Camelódromo eram feirinhas ainda, não tinha a sua estrutura que têm hoje, eram banquinhas, nossa, fiquei encantado cara! Foi a primeira vez que vi, me apaixonei pelo trem. Tanto que, até, não tive a oportunidade de andar pela primeira vez de trem aqui em Campo Grande, acabaram tirando ele aqui da cidade em 2004, e em São Paulo, depois de um certo tempo, fui lá e conheci o trem.

Na nossa conversa, percebendo, como o entrevistado ressalta que o trem forma uma memória marcante para ele sobre essa região da cidade, cito a região da Esplanada Ferroviária, onde hoje temos o tombamento do patrimônio ferroviário da cidade, e pergunto sobre as suas percepções sobre esta área, se ele acredita que isso poderia preservar, em parte, a memória da região:

Ulysses: Sim cara, porque, igual falei para você, isso é uma base, fica marcante na nossa memória, você vai morrer com isso e não via esquecer, então, tipo assim, deu que essa região da Esplanada, pode ser que, um dia, possam reativar isso com um metrô ou algo do tipo, e seria algo impactante para a cidade né? Algo que esteve ali por tantos anos e ser reativado de uma forma mais moderna, né?

E então, prosseguindo, faço a outra pergunta do questionário elaborado: Se o Centro da cidade, para ele, seria um local importante para a cidade?

Ulysses: Sim, o centro é importante. Mas acredito que a parte do trânsito teria que melhorar, tivemos várias melhorias nas avenidas, nas passarelas, nas áreas de pedestres para o pessoal transitar.

Encaminhando para o final de nossa entrevista, pergunto para ele sobre alguma questão que acredita ser importante para essa região da cidade. E então ele cita para mim que, acredita que, deveria ter um parque mais integrado e lúdico para a diversão das crianças, projetos mais modernos e que trouxessem coisas diferentes para que isso pudesse atrair mais as famílias/pais com seus filhos para essa região.

Ulysses: Parque que eu falo, um parque mesmo, para a criançada brincar, algo mais atrativo, entende? As crianças hoje estão modernas, elas não querem mais um atrativo básico, tão nascendo mais com a cabeça mais desenvolvida, querem novidades, então se tivesse alguns projetos mais modernos e atrativos aí para a cidade e para o Centro acredito que seria bom, isso que a gente quer, modernizar, não queremos ficar no básico mais.

Falo com o interlocutor sobre a ideia de patrimônio, dos tombamentos patrimoniais realizados na região do Centro, se ele acredita que isso também reverbera uma certa importância pro local.

Ulysses: Ah sim, é marcante né. É histórico! Têm que ter também né? para ficar na memória, lembrar, passarem pessoas que moraram aqui e ver o local aqui como que tá, lembrar que há 40/50 anos atrás tinha isso, que as coisas eram de tal jeito. Então, é uma coisa preservada, que vai continuar ali, ninguém vai tirar aquilo ali, e é algo para gente observar e se lembrar pelo longo da vida, entendeu? É legal isso aí, é marcante, é histórico. Fica o legado da cidade.

A partir dos relatos de Ulysses, pude verificar que, a hipótese inicial acerca da memória social dentro essa região da cidade entra em uma questão de se relativizar a ideia de haver uma direção única e/ou hegemônica que circunda a percepção social do habitante campo-grandense acerca de seu Centro Histórico e dos artefatos e bens culturais produzidos/vividos nessa região. O Centro detém uma grande importância para os habitantes, ao menos, no que foi conferido ao longo das entrevistas realizadas neste trabalho, contudo, existem outras questões em jogo dentre as pautas atuais levantadas pelos habitantes, e entre elas estão algumas questões levantadas por Ulysses como uma certa demanda por maior incremento e desenvolvimento social e econômico para essa região, que este expressa nos seus intentos por “modernizar” essa região.

Notamos a partir dessa entrevista e da observação participante realizada em campo junto de Ulysses, que sua percepção entra, em determinados momentos, em caminhos distintos aos ressaltados pelos ex-ferroviários João e Carlos, uma vez que, a presença da vivacidade e de uma longevidade das memórias e das narrativas ressaltadas por esses últimos aparentam ter um maior teor de relevância para esses indivíduos, podendo aparentar mesmo serem elementos de aspecto fundamental para a formação de suas trajetórias e percepções pessoais. Poderíamos de tal forma, denotar dessa etnografia realizada entre esses diferentes locais e indivíduos que traçam suas vidas ao longo do Centro da cidade, algumas questões que poderiam indicar o destaque de certos aspectos geracionais entre as formas de se vivenciar e perceber este pedaço do espaço urbano de Campo Grande, podendo mesmo essa hipótese ser estendida à questão de um declínio da valorização e vitalidade do espaço público, como afirmava em sua reflexão o sociólogo Richard Sennett (2001)¹⁴.

Denotamos que, nesse sentido, a prática etnográfica aqui assumida aparenta se aproximar da enunciação feita pela antropóloga Mariza Peirano (2008)¹⁵ acerca da utilização do método etnográfico como um aparato de flexionar e/ou mesmo aplicar testes sobre a teoria a partir da realidade evidenciada. É trazido, a partir dessa pesquisa de campo, alguns elementos que buscam fomentar a discussão acerca da valorização – ou não valorização – destes patrimônios históricos (e/ou *lugares de memória*) da região central de Campo Grande, assim como, de buscar correlacionar junto com estes, algumas questões que foram levantadas a partir da consulta à indivíduos que vivem ativamente este espaço urbano durante o seu cotidiano.

¹⁴ Ver Richard Sennett, *O declínio do Homem público: As tiranias da intimidade* (2001).

¹⁵ Aqui, referencio o artigo de Mariza Peirano publicado na Revista de Antropologia Ponto Urbe (2008).

Desta maneira, como colocava Candau (2011), em boa medida, a identidade do indivíduo é moldada a partir das percepções e registros memoriais que são por este geridos e interpretados. Neste sentido, o sentido cultural desta formação identitária não está em muito afastado das habituações rotineiras e das representações simbólicas em que este indivíduo se insere enquanto vivencia seu conjunto cotidiano, e é a partir destes aspectos que poderia se aproximar da visualização de um quadro de contribuição à formação da identidade cultural individual do cidadão através do aglomerado de práticas, das formas de interações sociais, e das representações socioculturais às quais este indivíduo está inserido e envolvido em seu dia a dia.

Isto é, trabalhando com a possibilidade de uma suposta diminuição dos quadros de relevância da coisa pública frente aos indivíduos contemporâneos, talvez surja juntamente consigo a necessidade de se rever alguns parâmetros, funcionalidades, e políticas públicas que estão sendo destinadas para os patrimônios urbanos, uma vez que, estes detêm, por excelência, a função de estabelecer marcos de referência sobre o indivíduo acerca de sua origem, sua cultura e mesmo, das formas de identificação cotidiana com que este está habituado.

A partir da elaboração da anterior reflexão, parte-se para a elaboração do trecho sobre a Praça Ary Coelho, buscando remontar algumas características primordiais deste local enquanto um espaço público muito marcado por sua relevância histórica e social para a cidade e seus habitantes, tanto como, enaltecendo o seu formato de rico local de sociabilidade, lazer, e de um lugar de memória referencial para a cidade.

3.1. A praça Ary Coelho: um rico lugar de memória dentro do espaço público central

As praças sempre tiveram um papel importante na organização da sociedade, sendo reconhecidas por seu significado para o exercício da cidadania e das dinâmicas de lazer e sociabilidade das cidades. Desdobrando-se em múltiplos sentidos — como espaço de encontro sociocultural, de espetáculo do cotidiano, com funções urbanísticas, estéticas, patrimoniais, político-sociais e simbólicas —, as praças se tornam essenciais para compreender a dinâmica social. Contudo, atualmente, elas enfrentam uma situação diferente, que alguns autores, como De Angelis et al. (2005), relacionam a um esvaziamento do espírito de coletividade nesses espaços públicos.

Situação análoga, de certa maneira, poderíamos mesmo encontrar e descrever acerca da Praça Ary Coelho¹⁶, entretanto, ela demonstra, a priori, significar mais do que um “não lugar”¹⁷, exercendo um grande poder de representação para os atores sociais da cidade. Isso porque carrega consigo o simbolismo da história conjunto à lembrança de diferentes temporalidades do cotidiano social marcado por relações costumeiras, frequentes idas e vindas ao centro da cidade dentro da esfera do lazer, do consumo, do trabalho e da cidadania. Também carrega consigo a referenciação das diversas transformações que o Centro passou ao longo de sua existência enquanto marco para a organização da sociedade campo-grandense.

A praça Ary Coelho é uma das praças centrais da cidade, destacando-se por sua grande extensão territorial e por sua arquitetura. Possui um amplo espaço destinado ao lazer, à sociabilidade e a momentos de pausa em meio ao intenso fluxo de pessoas, trocas e informações promovidos pelo “Miolo” Central. Sua localização, no cruzamento da rua 14 de Julho com a Av. Afonso Pena, situa a praça no coração do Centro de Campo Grande, próximo a um dos trechos atualmente mais movimentados e com maior concentração de comércios dessa região da cidade.

A primeira praça da cidade, fundada em 1909, se configura sendo como um dos marcos urbanos de memória e identidade da cidade (FARACCO, 2011), tendo funcionado como um cemitério no período em que foi erguida. Posteriormente, exercendo a função estético-arquitetônica e social de enquadrar o “Jardim Público” da cidade, mantendo atualmente algumas estruturas físicas que marcam essa recordação histórica, como seu marcante chafariz azul e o conhecido coreto da praça.

Nota-se que, o espaço das praças remonta, em Campo Grande, uma característica importante da região central da cidade e do espaço citadino como um todo, sendo as praças centrais da cidade – Ary Coelho e Praça do Rádio – amplamente reconhecidas por sediarem diversos exercícios da cidadania da população, como atividades culturais, feiras e apresentações, manifestações sociais, e ambiente de passeio e lazer para famílias e amigos (FARACCO, 2011). Esta praça têm uma característica especial, por ser a primeira praça pública da cidade. Ela remonta para os indivíduos uma rememoração do passado e uma configuração de continuidade e pertencimento para com o presente da cidade, isto é, ao menos essa foi a

¹⁶ Essa praça era o primeiro cemitério de Campo Grande. Em 1909, ela se tornou uma praça, e recebeu o seu nome em homenagem a Ary Coelho, então prefeito de Campo Grande que foi assassinado em 1952 em Cuiabá (MT).

¹⁷ Este é um conceito concebido pelo antropólogo Marc Augé (2005), que descreve espaços em que pessoas transitam brevemente e de forma anônima, como rodovias, aeroportos, praças e shoppings. Eles se opõem aos chamados lugares antropológicos, ou, lugares, que possuem história, senso de pertencimento e identidade.

premissa de que o estudo sobre este recorte de lugar se estabeleceu e partiu para buscar possíveis questões sobre, como se daria as condições de manutenção e reverberação da presença deste local dentre as percepções de alguns cidadãos campo-grandenses.

Figura 8 - Praça Ary Coelho em fotografia aérea.



Fonte: Revista Arca, edição nº10, 2004 (ARCA, 2004).

Figura 9 - Praça Ary Coelho, em um dia habitual do cotidiano campo-grandense.



Fonte: O autor.

Neste local da cidade, teríamos a configuração de um espaço detentor de elementos que remontam a “tradição” e a “modernidade” de forma conjunta no espaço urbano, fato que condiz com uma das características do espaço urbano central retratadas pela historiadora Lenita Calado (2015) por ser um município com cultura alicerçada nas tradições, porém recente na história brasileira. De tal forma, a praça Ary Coelho tem um papel importante na constituição e no alicerçamento da representação sociocultural de épocas e imagens da cidade a partir de seu espaço, enquanto um lugar de memória (NORA, 1992).

Pierre Nora, historiador influente na 3ª geração da Escola Francesa dos *Annales*, colocava que a aceleração do presente, provocada pelos processos sociais decorrentes da intensificação da Revolução Industrial, gerou uma perda significativa para as sociedades em relação à sua memória histórica e às suas tradições. Por isso, tornou-se necessário valorizar e atribuir representatividade simbólica aos locais das cidades ou comunidades que refletissem aspectos de sua história, tradição e identidade — os chamados “lugares de memória” (NORA, 1992). Nesse sentido, percebe-se que o aspecto de representação é essencial ao analisar a importância da Praça frente ao cotidiano social e à valorização memorial do espaço público em Campo Grande, já que ela funciona como um marco na memória coletiva de seus habitantes

(HALBWACHS, 1990), refletindo valores que contribuem para a construção do imaginário da cidade (CALADO, 2015).

Dentro desse contexto, observa-se que o espaço público atua como palco central para diversas relações entre os cidadãos e a cidade. Entre essas relações, destaca-se a noção de lugar (TUAN, 2013), formada a partir da experiência e da afetividade do indivíduo em relação ao espaço. Isso se percebe, de forma geral, entre os campo-grandenses em sua relação com a Praça, reconhecendo nela uma série de atributos significativos tanto para a trajetória da cidade quanto para a construção de sua própria identidade individual.

Contudo, pode-se notar que essas formas de representação do espaço podem se encontrar atualmente em um meio ambíguo, dividindo espaços e sentidos com novas referenciações, e mesmo, um espaço público potente como este, pode estar relacionado com um certo déficit da valorização e preeminência do espaço público enquanto um alicerce das referenciações sociais dos indivíduos habitantes da cidade. A partir desta possibilidade, me apoiando no diálogo promovido com o interlocutor que aqui denomino de José (nome fictício), busco explorar brevemente alguma destas questões sobre a centralidade da cidade e a praça Ary Coelho.

Seu José tem 59 anos e atua como pipoqueiro na região Central da cidade, e como ele mesmo afirma, mais precisamente na Praça Ary Coelho, detendo já mais de duas décadas de atuação neste ramo, atuando sempre neste local da cidade. Destaca que sua relação com o centro da cidade, por se tratar de sua atividade de subsistência, se torna uma relação visceral para sua sobrevivência:

José: A minha relação com o Centro é que eu sobrevivo de vendas de produtos igual o da minha pipoca. Trabalho com a minha pipoca. Então, para mim, o centro tem que estar movimentado para eu ter a minha renda. Se o centro estiver sem movimento, eu não tenho renda (Seu José, 59 anos, pipoqueiro da região Central).

A partir deste ponto, Seu José já destaca este ponto acerca do movimento de pessoas circulando pela área central no dia-a-dia vir diminuindo, fato que afeta seu comércio. Entendendo seu interesse direto sobre este tema da circulação de pessoas haver diminuído nos últimos anos, ele complementa:

José: Daí, depois que veio a reforma, a reforma do Centro, caiu muito o movimento, caiu, vamos colocar que caiu 50%, o carrinho fazia muito movimento, em vários dias faziam filas para comprar pipoca, hoje não tem filas.

Falo então, que talvez esse fato poderia se ligar com uma outra pergunta minha a ele, sobre como percebe, em sua visão, o Centro da cidade. Faço essa pergunta, complementando

com outra indagação, se Seu José acredita poder haver um novo interesse por parte da população:

José: É.. parece ter um novo interesse. É que nós também dependemos de tudo né, depende do poder público, da CDL¹⁸ né, tem que reunir os lojistas para saber o que se fazer para trazer movimento para o Centro. O Centro tá chorando né.. tá fechando as lojas. Se tornou uma questão pública né.

Prosseguindo um pouco no diálogo com o interlocutor, encaminho a nossa conversa para, agora, fazer outra pergunta para ele: quais atividades o senhor acha que mais caracterizam o Centro.. seria o lazer com a família, a questão de cumprir necessidades, comércio, turismo?

José: Ah, o Centro de Campo Grande, eu acho que ele é assim, ele começa às 9h da manhã, e você vê, assemelha uma capital com cara de interior, porque quando você vem 19h tudo fecha, não têm nada mais aberto. Têm uns barzinhos que estão abrindo na 14 né, um lazer, está fazendo movimentar, mas acho que ainda é pouco. Precisa de algo a mais no Centro para ter mais movimento, para as lojas irem até mais tarde.. reviver essa parte da cidade.

Pensando sobre o tempo que José tem trabalhado pelo Centro, sempre na Ary Coelho, pergunto sobre como ele vê essa questão relacionada ao uso da cidade, das pessoas virem para o Centro com a família, ter um momento de lazer. Pergunto, se ele acha que, com o passar do tempo e as mudanças trazidas com ele, mudou a ideia da população, de forma geral:

José: Sim, eu acho que sim. Porque, o que acontecia.. agora diz que vai voltar uma seresta nos dias de sexta-feira, mas aqui nós tínhamos na época aqui, tinha o passe livre, ninguém pagava o passe, nós juntava a família, vinha domingo, vinha um monte de gente, tinha o horto florestal que trazia também, trazia as pessoas para o Centro. Porque não fazer assim, na metade para o final do mês, trazer ônibus gratuito para o Centro da cidade? As pessoas viriam..

Acrescento: “de repente, junto a esse dia selecionado, trazer alguns eventos também, outros programas de lazer, isso?”

José: Sim, daí traria mais movimento para o Centro, para a Praça.. porque a praça aqui também, ela precisa..

Falo com ele sobre: “talvez, traria um pouco mais de atrativo, de vida para esse sentido do lazer aqui no Centro, né?”

José: Sim, pro lazer. Porque, a mãe hoje em dia se ela tiver 3/ 4 crianças e tiver que pagar ônibus ela não paga, não vêm para o Centro.

Pergunto para José: “você acredita então, seu José, que o Centro tem mais esse sentido para o comércio hoje? “

José: É, o centro hoje é bem mais direcionado para o comércio. Eu atendo muitos turistas aqui no meu carrinho, muitos vêm aqui e acham um absurdo, o centro da

¹⁸ Câmara dos Dirigentes Lojistas de Campo Grande/MS (CDL).

cidade estar voltado só para comércio, não ter um outro atrativo, um local de lazer movimentado, não ter nada assim.

De tal forma, identifica-se nas falas de Seu José, seu forte apreço pelo Centro na sua relação de ponto comercial estabelecido para este próprio, tanto como, a partir de sua conduta e ofício enquanto pipoqueiro, pequeno comerciante desta região da cidade. Seu José enuncia que, a Praça passou por uma série de transformações, contudo, hoje em dia, como fala anteriormente, precisa de um maior movimento de pessoas para deter a vitalidade que era concebida em outros períodos neste espaço público, tanto como, destaca o interlocutor que, “por exemplo, a praça não era fechada antes, haviam lugares para sentar em todos os arredores, onde hoje têm essas cercas” (Seu José). Neste sentido, seu José destaca brevemente a questão da insegurança, comentando que, em sua visão, esse pode ser um dos pontos também que favorece a diminuição do movimento na área central, contudo, não seria um fato que se sobreporia em relação a, novamente ressaltada, questão das novas centralidades instituídas nos bairros populosos mais afastados do Centro da cidade (CASTILHO, 2022).

A partir do diálogo com este interlocutor, pode-se obter alguns detalhes sobre a hipótese de um processo que, talvez, se desdobre de uma forma ainda mais profunda do que a redução da circulação de pessoas em algumas áreas centrais em comparação com anos anteriores, uma vez que, como vimos anteriormente citando a questão da deterioração do interesse e do zelo pelo bem público, aparentemente seria vivenciado nos dias de hoje uma certa privatização da vida social (SENNETT, 2001). E, a partir disto, buscamos então elaborar uma reflexão sobre alguns pontos destacados durante o empreendimento deste trabalho, evidenciando duas formas distintas de se perceber e se conceber a região central da cidade, nos seus aspectos materiais trazidos por sua configuração comercial, e no seu aspecto de habitação e sociabilidade que podem deter características ligadas à uma maior tradicionalidade presente nas dinâmicas sociais, podendo mesmo esta ser um ponto latente para se pensar questões do vigor desta região urbana frente à percepção social dos cidadãos.

CAPÍTULO 3. PENSANDO O COMÉRCIO CENTRAL A PARTIR DE DUAS PERSPECTIVAS: “UTILITARISTA” E “TRADICIONALISTA”

Os locais e espaços, públicos e privados, podem ser lidos e compreendidos sob diversas óticas. Uma destas óticas, ao se tratar da região do Miolo Central de Campo Grande, sem dúvidas é a ótica que prioriza o viés comercial desta região, uma vez que, como já ressaltado aqui, esta região geográfica da cidade possui, por muito, as relações sociais ali desenvolvidas com base no âmbito comercial. De tal forma, a região central de Campo Grande será debatida, ao longo desta subseção, tanto sob a ótica utilitarista, que avalia cada coisa de acordo com sua finalidade, as consequências provocadas por ela; e pelo tradicionalismo, que tem como principal foco a tradição e os costumes.

Como os processos sociais moldam os espaços públicos e também são moldados pelas relações sediadas nestes, em um processo de retroalimentação, a discussão a respeito de como o comércio central atua sobre a vida dos cidadãos, por si já torna-se algo de grande relevância no escopo das Ciências Sociais, e aqui, parto, como dito, desta premissa situada entendendo o papel fundante do comércio frente às dinâmicas de sociabilidade, e quiçá, às condutas e percepções sociais desenvolvidas no Miolo Central desta cidade (MAGNANI, 2002).¹⁹

De tal forma, a partir do viés etnográfico fornecido pela pesquisa de campo realizada no Centro, em algumas visitas e entrevistas realizadas dentro do recorte espacial, foi destacado para mim, em vários momentos da observação participante (GOLDENBERG, 2004), o aspecto pujante que a tradicionalidade detém sob os habitantes da cidade, ficando mais nítido nas conversas sobre a situação atual da centralidade, enquanto os entrevistados reverberaram suas percepções sobre certos esquecimentos, certas degradações, e destacados vieses memoriais de sua relação com a cidade, todas essas situações, sediadas e protagonizadas neste/por este espaço central.

Para além deste fato, me foi lançada a questão de que, diversos comércios residentes no Miolo Central de Campo Grande (MS), desde os vendedores de ervas-medicinais, vendedores ambulantes de quinquilharias e pipoqueiros, até tradicionais relojoeiros como seu Atenor, carregavam consigo em suas relações comerciais cotidianas, diversos elementos que remetiam à saudosismos, costumes tradicionais e uma vasta relação afetiva com esta região da cidade, e

¹⁹ Ver o artigo seminal do antropólogo urbano José Guilherme C. Magnani, nomeado *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*.

claro, com as histórias e atravessamentos que ela carrega consigo na sua relação com estes comerciantes. A partir deste ponto, é lançado aqui, como último capítulo deste trabalho, essas duas hipóteses sobre formas de habitar e vivenciar este espaço central, rodeando pretextos e agenciamentos distintos, tendo por um lado, este viés ‘tradicionalista’ descrito acima, e por outro lado, trocas comerciais de maior distanciamento pessoal, de maior viés ‘utilitarista’.²⁰

3.2.1 Alguns sentidos do comércio dentro do “Miolo” central

Como viemos destacando a partir do entendimento sobre a rua enquanto um espaço de sociabilidade vital para a concepção da cidade (CORDEIRO; VIDAL, 2008), e entendendo a identidade cultural multifacetada que é apresentada na cidade de Campo Grande (GARCIA, 2013), visualizamos este recorte de separar o “Miolo” central como um ponto de numerosa efervescência comercial, que transcende os aspectos do comércio enquanto reflexividade daquilo que Louis Wirth (1967) e Georg Simmel (1967) colocariam sobre a impessoalidade e a distância social características das grandes cidades.

Entendemos aqui, a sociabilidade que mesmo Simmel (SIMMEL apud FRÚGOLI JR., 2007) ressaltava em outros escritos, como uma forma-base da constituição dos laços sociais significativos para a vida coletiva e seus demais sentidos, sendo que, como ressaltado anteriormente, é notável que “Miolo” central denomina em seu comércio, várias características de sociabilidade que ressaltam e significam elementos da cultura local (OLIVEN, 2010) como um espaço de sociabilidade significativa para a constituição do vínculo e do pertencimento frente à cidade de Campo Grande/MS.

Nesse sentido, a cidade se apresenta como um centro de significados para os indivíduos que nela vivem ou por ela transitam, comunicando-se por meio de sua arquitetura, de seus bens e artefatos físicos e simbólicos, que dão forma às suas práticas cotidianas e aos seus dispositivos diversos, como propõe Robert E. Park (1967). Sendo que, mesmo levando em conta que uma boa parcela de suas atividades comerciais poderia mesmo ser enquadradas nos ritmos e direcionamentos utilitários e impessoais de um comércio atrelado ao vínculo objetivo, moderno e racionalizado, ainda assim, conseguimos perceber alguns exemplos de comércio dentro desta

²⁰ Enuncio nesta nota que, esses dois tipos-ideais aqui trabalhados, detêm ambos, como intuito principal, a sua referência e utilização a fim de trabalhar uma reflexão sobre a hipótese lançada a partir desta dicotomia. Sendo então, prescrita, qualquer presunção de afirmação de uma verdade unívoca acerca do caso estudado. Isto é, reitera-se, a possibilidade de existirem outras formas de se habitar e vivenciar esse espaço urbano retratado é de grande estima, não sendo descartadas em nenhum momento durante este trecho, tanto como, ao longo de todo o enredo do trabalho realizado.

sub-região que fogem à esta regra e configuram quadros de interação entre comerciante-consumidor que se estabelecem para além da simples conveniência de consumo (CANDIDO, 2017).

Temos como exemplo, o Mercado Municipal da cidade, que além de formar um grande conjunto de comercialização de produtos típicos e regionais, como ervas de *tereré*, *pequi* (fruto), pimentas e temperos, ervas medicinais, peixes da região, também se caracteriza como um estabelecimento histórico em processo de tombamento enquanto patrimônio urbano de Campo Grande (MS), configurando um espaço tradicional da região central da cidade, e situado dentro do espaço traçado no Miolo.

3.2.2 A sociabilidade do comércio central e o caráter “tradicional” exercido dentre o conjunto de trocas exercidas: explorando alguns casos

A partir da observação prévia das formas de sociabilidade ali presentes, destacamos que, além de seu caráter utilitário e impessoal, o comércio se manifesta de diferentes maneiras, incluindo sua dimensão simbólica nas trocas sociais, como Marcel Mauss (2003 [1925]) aponta em sua análise da “dádiva”, atribuindo à reciprocidade um fundamento essencial da interação social significativa e representativa da formação de um povo. Assim, fica mais fácil perceber que o comércio, enquanto espaço social, também atua como meio de sociabilizar sentidos, afetos e formas de percepção.

Reunindo esses elementos, percebe-se que, no comércio do “Miolo”, surge uma dicotomia: podemos distinguir ao menos duas formas de sociabilidade presentes, que chamaremos de “forma tradicionalista” e “forma utilitarista”, estabelecendo certas “fronteiras simbólicas” (VELHO, 1981)²¹ nos universos de significação de cada dinâmica. O comércio desta região é formado por lojas que, tanto em seu atendimento quanto em sua identidade visual, estética e arquitetura, refletem um espírito “moderno” nas trocas simbólicas vinculadas à interação social, sendo comum que as relações estabelecidas nesses estabelecimentos sejam socialmente mais distanciadas durante a realização das compras.

Em outro sentido, evidencia-se, da pesquisa *in loco*, uma diversidade de comércios dentre o Centro que trazem junto consigo, na figura de seus comerciantes-proprietários, um grupo de interações mais aprofundadas em relação à sua sensibilidade com a freguesia, sendo comum visualizar nas suas interações comerciais, uma série de brincadeiras, “conversas

²¹ Ver *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*, livro escrito pelo antropólogo urbano Gilberto Velho (1981)

fiadas”, diálogos acerca do cenário social, político ou econômico, estabelecimento de vínculos de amizade, troca de informações sobre times de futebol, formação de uma pequena “roda” de tereré, entre outros costumes interativos que aproximam e tendem a tornar mais profunda e duradoura a relação entre comerciante e consumidor, que se vêem como “indivíduos” realizando uma troca justa e embasada em uma espécie de relação “fraterna cidadã”.

O exercício deste tipo de comércio é uma característica em muito atrelada à comércios mais antigos do Centro de Campo Grande (MS), que também demonstram uma certa dualidade entre modernidade e tradição, uma vez que esta região se configura como uma localidade majoritariamente comercial ao longo de toda sua história, sendo esta característica de convívio e relações sociais de “vizinhança” um fato marcante para a “tradicionalidade” do comércio regional.

Neste sentido, o espaço público desta centralidade se configura, reforçando novamente este aspecto, como um local reconhecido pelo exercício da sociabilidade; isto é, partindo do entendimento de Simmel (*apud* FRÚGOLI, 2007), esta relação se estabelece como uma espécie de âmago da constituição da sociedade em seus termos microssociológicos, entendendo a interação e a relação entre indivíduos como uma característica primordial do *status nascendi* da sociedade. Seria então, de tal forma, por meio de trocas significativas estabelecidas neste espaço de interação, aqui caracterizado a partir do “urbano”, que se constituiriam processos de associação básica fundamentais para a constituição de um corpo social pertencente à uma localidade (*op. cit.*).

No caso do centro de Campo Grande, um longo histórico levou essa região a se tornar fundamental nas trocas e relações sociais entre as pessoas, sendo reconhecido como o espaço ao qual as pessoas se deslocam para o comércio, para eventos nas praças, para procurarem emprego e para a vida pública de modo geral.

Com isso, queremos ressaltar o caráter de diferentes formas de fazer possíveis dentre as sociabilidades presentes nesta região comercial da cidade, para posteriormente entrarmos na discussão sobre o como poderíamos pensar questões relacionadas à relevância do espaço público e das interações que sedia, para se gerar conhecimento sobre a cidade. Viviane Vedana (2013) fala sobre a construção de um *métier* frente aos saberes, às práticas e as significações exercidas nas interações comerciais que são estabelecidas nos mercados de rua e nas feiras livres.

Vedana enuncia que os laços sociais tecidos entre feirantes e fregueses produzem o mercado de rua enquanto forma social (SIMMEL, 1981) particular da cidade moderno-

contemporânea. A autora também nos ajuda a compreender que, para além da simples razão prática estabelecida em uma relação de troca comercial impessoal, existe no trabalho com o comércio, uma complexidade de relações entremeadas pela disposição pessoal, pelo esforço subjetivo, pela sistematização de uma série de conhecimentos das mais variadas áreas que compõem a “conversação” (SIMMEL, 1983) e o estabelecimento de redes formadas pelo vínculo do cliente com o comerciante, tanto como, de vínculos entre o comerciante e seus vizinhos de comércio, e com o lugar em que situa sua venda.

É partindo deste conceito de sociabilidade, que podemos entender as práticas e interações sociais cotidianas como um artefato estruturante para a constituição das formas de vida em sociedade, sendo que, ao se tratar do Centro de Campo Grande, evidencia-se que as características destas formas de sociabilidade se influem e são influídas de forma inerente a partir do sentido comercial.

Desta forma, a partir da sociabilidade dos comércios do “Miolo” que buscam estabelecer suas relações cliente-comerciante de uma forma mais caracterizada a partir de uma troca significativa, com teores de pessoalidade, pode ficar mais fácil para nós pensarmos, também o comércio desta região como uma forma de pensar o espaço urbano que compõem o centro.

Em vista a pensarmos algumas formas de sociabilidade estabelecidas a partir de um viés “tradicionalista”, percorremos também as noções relacionadas às artes de se fazer (CERTEAU, 1994) e de se narrar a cidade (ECKERT, 2010) a partir das práticas cotidianas estabelecidas pelos indivíduos que circundam o “Miolo” do centro, tendo como enfoque as potencialidades possíveis de serem observadas frente à estas práticas para com a visualização de diferentes territórios de significação que são praticados pelos indivíduos e exercidos, consequentemente, na sua relação com a cidade (ECKERT e ROCHA, 1998).

Seriam os itinerários urbanos e as formas de sociabilidade exercidas dentre o espaço urbano, uma fórmula possível para o mapeamento simbólico dos arranjos da vida social ali processados. Isto é, entendendo que o espaço corresponderia com as resultantes significações colocadas sob as práticas sociais estabelecidas em determinada área configurada, temos a prática comercial como um alicerce da formatação espacial do “Miolo”, fato que se conjunta aos atributos característicos da paisagem urbana e da poética do espaço estabelecida por esta região e por toda a região Central.

Dentro deste aspecto, é importante compreendermos que, tomando as palavras novamente das antropólogas Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1998),

A paisagem do mundo urbano contemporâneo guarda, neste contexto, as feições das estratégias de vida de seus habitantes, seus sonhos e desejos, segundo a acumulação benéfica da animação e da vibração temporal dos ritmos diferenciais de ocupação/apropriação de seus territórios. (ECKERT; ROCHA, 1998. p. 7).

Tanto como,

Numa *démarche* objetual, a Cidade se mostra aos olhos dos antropólogos a partir dos gestos, olhares e performances de seus moradores; dos itinerários, dramas e intrigas vividos por eles; das formas de sociabilidades e das linguagens ordinárias da rua, todos descritores desta “topofilia” que reenvia as projeções individuais e coletivas dos traços de uma cultura e de uma civilização. A cidade ressurgente enquanto manifestações expressivas dos gestos humanos que lhe fazem ascender a *status* legítimo de “espaço habitado”, graças a sua autonomia absoluta como espaço poético, repleto das histórias e das imagens a ela atribuídas. (Idem, p. 7).

Ou seja, a partir deste trecho do trabalho, tomamos como foco as práticas cotidianas realizadas no Centro, priorizando o comércio, considerando-o como um componente do “tempo coletivo” vivido no espaço. Entende-se que a temporalidade das formas simbólicas de representação desta área da cidade se constrói a partir dos significados que os indivíduos atribuem ao seu “viver a cidade”.

De certa forma, estamos afirmando que o formato intersubjetivo de uma região urbana se manifesta pela maneira como o imaginário da cidade se organiza em relação a esse local. No caso do “Miolo” e da “Esplanada”, observa-se um conjunto de atividades relacionadas ao setor de serviços, ao comércio, às interações comunitárias promovidas pelas praças e, sobretudo, ao caráter memorialístico dessa região, formando um conjunto simbólico que representa significados importantes, configurando o espaço como “tempo pensado” e “tempo vivido” na experiência social dos habitantes.

É importante destacar que, a partir das concepções das antropólogas Cornélia Eckert e Ana Luiza Carvalho da Rocha, torna-se essencial analisar as práticas de sociabilidade no comércio do “Miolo”, pois essas interações evidenciam aspectos da historicidade e dos impactos da relação entre o espaço físico e o sujeito urbano. Assim, entende-se os conjuntos simbólicos (VELHO, 1981) dos indivíduos urbanos a partir da perspectiva de Simmel sobre a sociedade, concebida “não como algo dado, mas continuamente constituída (e dissolvida) pelos indivíduos, através de interações recíprocas” (FRÚGOLI, 2007).

Seguindo Simmel, como interpretado por Heitor Frúgoli Jr. (2007), a sociedade é um modo pelo qual a experiência humana se organiza, representando um complexo de indivíduos socializados e uma rede empírica de relações humanas em um determinado tempo e espaço. O

sociólogo alemão destaca a importância do processo geral e dos processos particulares de “associação” como base para a constituição da sociedade. Partindo dessas concepções, analisamos as diferentes práticas estabelecidas no comércio, buscando compreender seus atributos em relação à temporalidade, ao caráter memorial das relações sociais e ao significado atribuído a essas práticas cotidianas na percepção social desse espaço público.

Temos sempre em mente, na construção deste trabalho, a questão de diferentes formas de se perceber a emergência de uma “patrimonialização do espaço” dentre esta região, ou mesmo, da questão das “disputas” travadas entre as recorrentes formas de se significar este espaço, e à formatação das características únicas espaciais contidas dentre este espaço como uma forma de visualizar meandros de uma “poética” do espaço (BACHELARD, 1957) que se subdivide nesta área urbana.

É notável perceber que, a distinção estabelecida entre o comércio utilitário e o comércio tradicionalista da região Central carrega consigo também essas singularidades frente às diferentes formas de se perceber o espaço, e de se conceberem as práticas sociais ali estabelecidas. Logo, fica para nós, em grau de primazia para a discussão, o foco em retratar estas diferentes facetas do Centro e destacar os graus de relação e distanciamento – e, ou, conflito – estabelecidos entre eles, contudo, tomando um partido claro em relação à preponderância da necessidade patrimonial frente aos espaços citadinos desta cidade.

Partimos aqui, a fim de relacionar tal conceito de uma sociabilidade exercida no centro a partir do viés comercial, ao fato adjunto de às formas e práticas cotidianas dos sujeitos empenhados (CERTEAU, 1994) estarem em ligação ao fato das narrativas e das imaginações empenhadas sob os sujeitos a partir de suas vivências frente ao espaço da cidade (ECKERT; ROCHA, 2010).

Queremos com isso, objetivar o espaço urbano como uma forma da cidade se propagar dentre as formas de percepção espaço-temporal, e consequentemente, social e cidadã, dos interlocutores acerca da vida na cidade. Pretendeu-se, de tal forma, privilegiar os espaços memoriais desta região, ou melhor dizendo, os chamados “espaços poéticos memoriais”, que se verbalizam na linguagem cotidiana do caminhar, do olhar e do perceber dos indivíduos que traçam seus percursos em convergência com estas regiões geográficas.

Através de algumas narrativas sobre esta área da cidade, buscou-se entender a pertinência e os usos atribuídos à esta região do Miolo Central aqui delimitada, sobretudo, na forma como estes locais memoriais e culturais desta área geográfica são concebidos e vividos

pelos interlocutores entrevistados. Sendo esta área, uma área primordialmente estabelecida sob a égide das duas prerrogativas, entre a impessoalidade e a vivificação de artefatos, jeitos e costumes imateriais desta cidade, e da região sul-mato-grossense, evidenciando-se ao passante e ao habitante que caminha pelas ruas do Centro da cidade, e enunciando às diferentes formas de se narrar e viver uma localidade.

CONCLUSÕES FINAIS

Entendendo as aferências feitas acerca da memória social sob este estudo, destaca-se seus pontos de relevância e preeminência como um instrumento mediador da vida social, tanto como na função de ser um ponto alicerçante da identidade e das representações socioculturais da interação indivíduo-espço físico. Foi destacado neste texto, alguns elementos da memória social quando observados sob locais considerados fundamentais para a evocação de lembranças coletivas de uma sociedade, sendo ressaltado o lugar de destaque em que o Centro de Campo Grande se revela quando se aborda tal temática.

A partir da reflexão sobre a memória coletiva e a memória social, ambas assumindo papéis de conjuntivo destaque frente à relação dessas com o espaço urbano (HALBWACHS, 1990; CANDAU, 2011), também foi possível visualizar o papel do espaço, enquanto elemento imprescindível para as relações humanas, enquanto um elemento articulador das memórias sociais de indivíduos e de suas respectivas articulações em relação ao seu pertencimento, e de sua identificação, afetividade, e demais aspectos permeadores da construção pessoal a partir da relação indivíduo-espço urbano (CANDAU, 2011).

Nota-se que a centralidade desta cidade assume mais uma vez um papel protagonista frente à construção de tais relações memoriais, sendo que, as representações coletivas que surgem sob os ‘lugares de memória’ localizados no Centro, são alocadas dentre a configuração imagética do campo-grandense de forma a ultrapassar limites geracionais da percepção sob a cidade, tanto como, constituem fatos que, em boa medida, disputam lugares de relevância frente às atuais novas formatações de perspectivas, permeadas por mudanças condicionantes de diversos paradigmas constituintes dos quadros sociais, sendo aqui, necessária uma outra discussão acerca das tipologias e formas de atuação das memórias instituídas por esta centralidade, levando-se em conta a questão das preferências e sobreposições memoriais frente a formação de uma tradição (HOBSBAWM, 1997).

A partir destes fatores, são apresentados em maior destaque alguns destes fundamentais lugares memoriais da cidade que se localizam frente à sua Região Central, sendo assim enumerados alguns pontos que se destacam, a partir de cada um destes, em relação à sua constituição enquanto um ‘lugar de memória’ no cotidiano social dos habitantes da cidade. Sendo, no caso da Praça Ary Coelho, ressaltado o seu aspecto emblemático de um local de sociabilidade e cidadania frente aos itinerários citadinos traçados pelos arredores do ‘Miolo’ Central da cidade, na medida que, são realçados ao longo deste trecho alguns elementos contidos pela Praça Ary Coelho que preenchem em medida substancial à questão da relevância social de espaços públicos notáveis para a permanência e a continuidade da percepção cidadina sob a necessidade da existência de núcleos urbanos como este para a propagação de cultura, reuniões cotidianas dos habitantes, ‘pausas’ e descansos frente ao ritmo urbano, e valorização da cidade na sua relação indivíduo-espço urbano.

Em seguida, é abordado a relação do Mercado como uma espécie de entreposto entre a ideia de tradicionalidade e a difusão do comércio e do consumo turístico da cidade e do respectivo estado de Mato Grosso do Sul, de tal forma, buscou-se evidenciar alguns aspectos deste local que remetem à tradição, a memória e a identidade local, atuando de forma simultânea à manutenção de laços entre o indivíduo e a cidade a partir dos atributos culturais que os produtos ali comercializados carregam consigo. Adicionalmente à estes pontos, adiciono a reflexão e a prática etnográfica realizada conjuntamente à alguns interlocutores que, em grande parte dos momentos etnografados, apresentam aspectos de percepção que poderiam se assimilar ao direcionamento retratado pelo sociólogo Richard Sennett (2001), ao se tratar de um certo declínio do Homem Público e da coisa pública dentro dos quadros de relevância dados pelos indivíduos no seu cotidiano, fato este que buscamos retratar em sua pertinência para o debate sobre as percepções sociais dos habitantes da cidade acerca de lugares pertinentes ao patrimônio e às práticas cidadãs atribuídas ao espaço público.

No trecho do texto abordando o comércio central, evidencia-se fundamentalmente a questão sobre duas formas diferentes de se trabalhar sob o conteúdo do comércio frente às localidades de troca estabelecidas no Centro, sendo que, alguns comércios mantêm/aderem uma forma de trabalho e interação que se diferencia de uma tipologia impessoal muito característica do exercício comercial feito por grandes lojas na atualidade. Em sentido adicional à este fato, nota-se neste trecho, que o comércio central de Campo Grande possui esses estabelecimentos ‘tradicionalistas’ através de uma série de estabelecimentos familiares, pequenas empresas e microempreendedores que aderem à sua cultura comercial um sentido que se vincula, em boa medida, à alguns sentidos atribuídos à uma perspectiva ‘tradicional’ acerca do lugar (Centro), da cidade e mesmo da região sul-mato-grossense, fato que pode ser analisado enquanto um possível caracterizador de feição positiva ao fomento e propagação da identidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARILHA, Carlos Magno Mieres. **Os intelectuais e o poder: História, divisionismo e identidade em Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD: Dourados, 2006.
- ARANTES, Antônio Augusto. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2000. 190 p.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CALADO, Lenita Maria Rodrigues. Campo Grande, MS, e as imagens que produz: o diálogo entre a “modernidade” e a “tradição” em espaços públicos. **Monções UFMS/CPCX**, v. 3, n. 3, p. 65-75, 2015.
- CASTILHO, Maria Augusta de; REZENDE, Elaine Cristina Paganotti. Novas centralidades: Um estudo luz da cidade de Campo Grande/MS. **Boletim do Tempo Presente**, v. 11, n. 02, 2022.
- CORDEIRO, Graça Índias; VIDAL, Frédéric (orgs.). 2008. **A Rua: espaço, tempo, sociabilidade**. Lisboa: Livros Horizonte.
- ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **RUA**, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 121–145, 2010.
- ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, 2001.
- DA CUNHA, Francisco Antônio Maia; DEQUECH, Lira (coord.). **Campo Grande – 100 anos de construção**. Campo Grande, MS: Matriz Editora, 1999.
- FARACCO, Maysa. **As Praças de Campo Grande – MS: Percepções de memória e de cultura com potencialidades de Desenvolvimento Local**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – UCDB: Campo Grande, 2011.
- FRÚGOLI JR., Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- GOOGLE MAPS. 2025. Disponível em: <https://www.google.com/maps> Acesso: 3 nov. 2025.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11–29, jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n.32, p.129-156, 2009.

NORA, Pierre. Entre memórias e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. **A rua e a cidade**: Campo Grande e a 14 de julho. 1. ed. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005. 211p.

PARK, Robert Ezra. 1967 [1925] “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

PESAVENTO, S. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, v. 2, n. 4, p. 9-18, 11.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMMEL, Georg. 1967 [1903]. “A metrópole e a vida mental”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SIMMEL, G. **Simmel**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 39, p. 41–68, jan. 2013.

VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

WEBER, M. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, O. G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 68-89.